

QUINTA EDIÇÃO

QUAL BÍBLIA

?

EDITADO POR

David Otis Fuller, D.D.

**QUAL
BÍBLIA**

?

QUAL BÍBLIA



Editado por

DAVID OTIS FULLER, D.D.

**INSTITUTO PARA
ESTUDOS TEXTUAIS BÍBLICOS**

(Institute for Biblical Textual Studies)
Grand Rapids, Michigan 49503

DEDICATÓRIA

Este livro, sendo um livro sobre a Bíblia Sagrada, é reverentemente dedicado a Ele Quem é o Principal e todo glorioso Tema do Livro Sagrado, Quem somente pode dizer das Escrituras Sagradas –

“...e são elas que de MIM testificam;”

RECONHECIMENTOS

Os escritores de alguns dos artigos citados neste livro estão agora com o Senhor, tendo fielmente servido-O em suas gerações como zelosos lutadores “pela fé que uma vez foi dada aos santos”. O compilador reconhece a ajuda vinda de seus escritos e também de alguns que continuam na batalha nessa hora presente.

Zane C. Hodges, A.B., Th.M., Professor Assistente de Literatura e Exegese do Novo Testamento, Seminário Teológico de Dallas.

E. F. Hills, A.B., (Yale) , Th.D., (Harvard), autor de *The King James Version Defended, Believing Bible Study*, etc.

Reverendo Henry W. Coray, pastor da Igreja Presbiteriana Ortodoxa, Glenside, Pennsylvania. Autor das biografias do meu livro *Valentes pela Verdade*, agora publicado como *Tesouros de Escritos Evangélicos*.

Reverendo Terence H. Brown, Secretário da Sociedade Bíblica Trinitariana, Londres, Inglaterra, quem contribuiu como capítulo “Os Homens Letrados”.

Jasper James Ray, quem gentilmente permitiu citações do seu excelente livro, *Deus Escreveu Apenas Uma Bíblia* (Eye Opener Publishers, Box 77, Junction City, Oregon 97448)

Reverendo David Fountain, M.A., (Oxford), pastor da Spring Road Evangelical Baptist Church, Scholing, Southampton, Inglaterra.

Miss Betty Wood, minha eficiente secretária, quem ajudou a coletar o material e preparou a datilografia.

O material citado começando na página 9 é de *MASSADA: Herod's Fortress and The Zealots's Last Stand*. por © Yigael Yadin, copyright 1996 por Yigael Yadin. Reimpresso por permissão de Random House, Inc.

Os contribuintes individuais são responsáveis apenas por seus respectivos artigos e não estão necessariamente de acordo com cada ponto dos outros artigos.

Os direitos autorais pertencem exclusivamente à entidade supra citada. Permissão para a versão portuguesa outorgada ao missionário Albert Johnson, quem fez a tradução da segunda parte do livro. A primeira parte foi feita pelo Ten.-Cel. Aviador José Pedro Monteiro de Almeida e por sua esposa, Clélia Dorta Benjamim de Almeida. A permissão é para a versão em Português e para publicar a obra em papel e em cd-rom. É expressamente proibido fazer cópias ou arquivamento eletrônico em Inglês ou em Português, e, sobretudo, a sua publicação na internet, sem autorização escrita do detentor dos direitos.

CONTEÚDO

Parte 1

| | | |
|---|---|------------|
| Porque Esse Livro? | <i>.David Otis Fuller</i> | 1 |
| Os Homens Letrados. | <i>.Terence H. Brown</i> | 13 |
| O Incomparável Wilson: O Homem que dominou Quarenta e Cinco Línguas e Dialetos | <i>Henry W. Coray</i> | 39 |
| É a Alta Crítica Erudita? | <i>. Robert Dick Wilson</i> | 49 |
| O Magnífico Burgon, Valoroso Campeão e Defensor do Texto Bizantino. | <i>. Henry W. Coray</i> | 86 |
| O Princípio e Tendência da Revisão Examinados. | <i>. George Sayles Bishop</i> | 106 |
| A Bíblia e a Alta Crítica | <i>. Sir Robert Anderson</i> | 118 |
| Na Defesa do Texto Recebido. | <i>. Seleções por David Otis Fuller</i> | 123 |
| O Codex Vaticanus e Seus Aliados. | <i>. Herman C. Hoskier</i> | 134 |
| Um Exame Crítico da Teoria Textual de Westcott-Hort. | <i>. Alfred Martin</i> | 144 |

Parte 2

Sobre o Autor de “Nossa Bíblia Autorizada
Defendida”. *David Otis Fuller* **174**

Nossa Bíblia Autorizada Defendida”.
. *Benjamim C. Wilkinson* **176**

1. Fundamentalmente, Apenas Duas Bíblias Diferentes. . . **176**

2. A Bíblia adotada por Constantino e a Bíblia pura dos Valdenses.
. **194**

3. Os Reformadores Rejeitam a Bíblia do Papado. . . **216**

4. Os Jesuítas e a Bíblia Jesuíta de 1582. **231**

5. A Bíblia King James Em Meio À Grandes Lutas com a Bíblia dos
Jesuítas **244**

6. Trezentos anos de Ataque à Bíblia King James . . . **262**

7. Westcott e Hort. **277**

8. Revisão Afinal !. **283**

9. A Crescente Onda da Crítica Moderna e das Bíblias Modernas. **304**

10. Conclusão. **312**

Apêndice

1. Índice Alfabético **321**

2. Índice de Escrituras. **342**

3. Índice Cronológico. **343**

Parte 1

POR QUE ESSE LIVRO?

David Otis Fuller

Em muitas matérias importantes, todas as pessoas reconhecem a necessidade de uma autoridade – uma suprema “corte de apelações” acima da qual, não há mais nenhuma que alguém pode ir. No âmbito das coisas sobrenaturais há apenas *Uma Autoridade* reconhecida pelo povo cristão. Isso não é uma igreja, nem palavras “infalíveis” de homens, nem o próprio ego de alguém, nem uma hierarquia de “sacerdotes” Romanos, ministros Protestantes, ou rabinos Judeus. Todos esses são falíveis e tendem ao erro e preconceitos. A Bíblia faz altas declarações de inspiração divina, inerrância e autoridade; e se é verdade que o Soberano Deus do universo concedeu revelar-se a Si mesmo naturalmente no universo material, então o homem – mesmo num mundo arruinado pelo pecado – tem uma fundação firme sobre a qual construir pelo tempo e eternidade.

Que o Deus Soberano da criação tem feito isso nas Escrituras Sagradas é reconhecido por muitos ávidos cristãos, mas uma pergunta surge a qual exige uma resposta clara “Qual Bíblia você quer dizer?” Uma geração ou duas atrás essa pergunta teria tido apenas uma resposta – a Versão King James; mas agora muitas novas traduções exigem reconhecimento e proeminência – A Versão Revisada (RV), a Versão Standard Americana (ASV), A Versão Standard Revisada (RSV), A Nova

Bíblia Inglesa (NEB), a Versão Knox, a Versão Anchor, a Versão Berkley etc, etc.

Jasper James Jay, missionário e professor Bíblico, no seu esplêndido livro, *Deus Escreveu Apenas Uma Bíblia*, diz – “Uma multiplicidade de diferentes versões Bíblicas estão em circulação hoje resultando num estado de emaranhada confusão. Algumas versões omitem palavras, versos, frases e até porções de capítulos que são bem conhecidas para ser incluídos num número de manuscritos antigos. Em algumas dessas novas versões palavras e frases têm sido adicionadas as quais não possuem correspondentes expressões básicas em cópias autênticas do Grego e Hebraico. Entre essas você não achará a Bíblia a qual Deus deu a “... homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo.” (II Pedro 1:21; II Timóteo 3:16).

Aqueles que favorecem as versões modernas, alegam que eles estão baseados nos melhores e mais antigos manuscritos, mas antigos e melhores não andam necessariamente de mãos dadas. O livro do Sr. Ray faz isso claro – “Dentro dos cem primeiros anos após a morte dos Apóstolos, Irineu disse concernente Márcio, o Gnóstico, ‘De onde também Marcio e seus seguidores lançaram mão de si próprios para mutilar as Escrituras, não reconhecendo alguns livros de modo algum, e diminuindo o evangelho segundo Lucas e as epístolas de Paulo, ele declarou que esses somente são autênticos os quais eles mesmos encurtaram.’”¹ Epifanius no seu tratado o *Panarion* descreve não menos que oitenta seitas heréticas, cada uma das quais planejava reforçar seus objetivos pelo uso errado da Escrituras.²

Aqueles que estavam corrompendo os manuscritos Bíblicos disseram que estavam corrigindo-os, e cópias corrompidas estavam tão predominantes que o acordo entre eles era sem esperança. As piores corrupções a que o Novo Testamento foi sujeito originou dentro dos primeiros cem anos após ser composto. Os pais da África e todo o Ocidente, com uma porção da Igreja Síria, usaram manuscritos muito mais inferiores que aqueles empregados por Erasmos ou Stephanus

¹ *Ante-Nicene Fathers* (Grand Rapids, 1953), Vol. 1, pp. 434-435.

² G.T. Fisher, *History of Christian Doctrine*, p. 19

treze séculos mais tarde quando moldando o Texto Recebido. Muitas das importantes variações nas versões modernas podem ser rastreadas à influência de Eusébio e Orígenes – “O pai do Arianismo.”

Eusebius era um grande admirador de Orígenes e um estudante de sua filosofia. J.J. Ray cita do *Ancestry of the English Bible*,³ do Dr. Ira Price “Eusebius de Cesaréia, o primeiro historiador da igreja, assistido por Pamphilus, ou vice versa, lançou com todos seus comentários a quinta coluna do *Hexapla* de Orígenes com leituras alternativas das outras colunas, para uso na Palestina. O Imperador Constantino deu ordens para que, cinquenta cópias desta edição, devessem ser preparadas para uso nas igrejas.” Tem sido sugerido que o Codex Vaticanus pode ter sido uma dessas cópias. Muitos críticos textuais modernos, consideram este documento como o mais velho e melhor representativo do texto original das Escrituras Sagradas. O objetivo dos seguintes capítulos é demonstrar que esta avaliação é, fundamentalmente errada, e que o Texto Majoritário ou Texto Tradicional – às vezes chamado de Texto Recebido - base da Versão King James, preserva mais fielmente a revelação inspirada. Tem havido muitas tentativas de adulterar e destruir as Escrituras Sagradas, e cada época tem testemunhado esses assaltos. Já no segundo século, tais escritores como Irineu descreve as tentativas dos hereges de corromper os registros inspirados, e durante os períodos da perseguição Romana, decretos imperiais exigiam a rendição e destruição das cópias estimadas por muitos do povo do Senhor.

No período da Reforma, a Igreja de Roma buscou manter sua posição dominante queimando não somente as cópias da Bíblia, como também aqueles que reconheciam a autoridade suprema da Palavra de Deus. Tyndale foi queimado na estaca em Vilvorde fora de Bruxelas na Bélgica em 6 de agosto de 1536. Sua grande ofensa foi a de que ele tinha traduzido as Escrituras para o inglês e estava tornando cópias disponíveis contra a vontade da hierarquia Católica Romana. Sua oração foi ouvida antes que morresse, - “Oh Senhor, abre os olhos do Rei da Inglaterra.” Sua oração

³ J. J. Ray, *God Wrote Only One Bible* (Deus Escreveu Apenas Uma Bíblia), p. 70

foi ouvida e respondida; e em menos de um ano O Rei Henrique VIII, que havia ordenado a morte de Tyndale, deu sua permissão para a Bíblia ser colocada nas paróquias, e o povo da Inglaterra se regozijou em ter a Palavra de Deus em sua própria língua.

Ray afirma que, enquanto a religião cristã verdadeira coloca a Palavra de Deus inspirada acima de qualquer outra coisa, o falso sistema coloca algo acima da Bíblia ou coloca a tradição humana numa posição de igual autoridade com ela. No Concílio de Trento em 1546, cinquenta e três prelatos fizeram um decreto declarando que, os livros apócrifos, junto com a tradição não escrita, são de Deus e são para serem recebidos e venerados como a Palavra de Deus. Na igreja primitiva, as únicas Escrituras autênticas reconhecidas foram aquelas entregues pela inspiração de Deus (II Pedro 1:21). Estas são a verdadeira Palavra de Deus e pela Sua graciosa providência e infinita sabedoria, a fonte da água que dá vida, a Palavra de Deus inspirada, veio a nós clara como o cristal.

O “deus deste mundo” direciona seu ataque primeiro ao caráter e Pessoa do Filho de Deus, o Senhor Jesus Cristo, a Palavra Encarnada, e então na integridade e acuracidade da escrita Palavra de Deus – a Bíblia. No começo não houve pausa aos assaltos no Filho de Deus e Palavra de Deus. A primeira promessa do Evangelho em Gênesis 3:15 mal tinha sido proferida quando Satanás buscou apagar a “Semente da mulher” de cena. Houve um tempo quando um bebê de seis meses era o único restante da linhagem real seguido ao massacre pela malévola Rainha Athaliah (II Crônicas 22:10-12). Quando Jesus era nada apenas que um bebê Ele, com Seu pai adotivo José e mãe Maria, foram forçados a fugir ao Egito da fúria de Herodes o Grande, que assegurou e manteve seu trono pelos crimes de indizível brutalidade, assassinando até sua própria esposa e dois filhos. Foi este Herodes que matou cruelmente as crianças de Belém no esforço de matar Cristo.

Nos dias de Seu ministério terreno, três vezes eles buscaram apedrejá-lo até a morte; uma vez eles O forçaram ao cume de um morro com vista para Nazaré e iam lançá-lo abaixo de cabeça, “Mas ele passando por eles” (Lucas 4:30. É verdade que eles

finalmente O crucificaram, mas só por meio de sua permissão; pois está escrito, “Por isso o Pai me ama, porque dou a minha vida para tornar a tomá-la.” (João 10:17). Em todas essas, e em muitas outras maneiras o ódio de Satanás para com o Filho de Deus foi manifestado.

Na segunda arena, a da Palavra de Deus escrita, Satanás está mais ativo que nunca hoje. Deste o princípio, quando ele jogou a dúvida na/da Palavra de Deus no jardim com a indagação, “É assim que Deus disse ...?” ele tem buscado corromper ou destruir aquilo que Deus fez com que fosse escrito. O poder e providência de Deus estão demonstrados na história da preservação e transmissão de Sua Palavra, no cumprimento da promessa do Filho de Deus, “Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nenhum jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido.” (Mateus 5:18). Nosso Senhor não estava dando-se ao exagero, e a santa Lei de Deus não foi confinada ao comandos do Sinai, mas é colocada em tudo que Ele inspirou aos Seus profetas e apóstolos a escrever.

Todo o domínio das coisas criadas está ordenado e sustentado pela dominante providência de Deus, Quem mantém todas as coisas pela sua palavra do Seu poder. As Escrituras deixa muito claro que Ele também está bem capaz de assegurar a preservação providencial de Sua própria Palavra através dos séculos (ages), e que Ele é o Autor e Preservados da Divina Revelação. A Bíblia não pode ser considerada de nenhuma outra forma. Ela alega ser “Theopneustos,” “de Deus-soprada.” “Toda a Escritura é divinamente inspirada.... (II Timóteo 3:16). Sem enfraquecer ou destruir suas personalidades individuais e estilo, o Espírito de Deus “carregou” aqueles inspirados escritores de Suas palavras, de forma que eles, de fato, registraram as próprias palavras de Deus – “Não em palavras que ensina a sabedoria do homem, mas nas quais o Espírito Santo ensina.” Aqueles que rejeitam isto como impossível, reduziriam o Todo Poderoso à estatura do homem falível, mas “para Deus todas as coisas são possíveis.”

O compilador deste livro, e os capazes escritores que ele cita, todos lutam que Bíblia é inspirada, inerrante e autoritária Palavra de Deus e que tem havido um exercício benigno da providência Divina na sua

preservação e transmissão. Eles estão profundamente convencidos que o texto inspirado é mais fielmente representados pelo Texto Majoritário – às vezes chamado de Texto Bizantino, o Texto Recebido ou Texto Tradicional - que pelas edições críticas modernas que anexam/atrelam peso demais no Codex Vaticanus, Codex Sinaiticus e seus aliados. Por esta razão o leitor é encorajado a manter a confiança na Versão King James (Rei Tiago) como a tradução fiel baseada num texto confiável.

Muitas cópias antigas das Escrituras tem perecido, mas a Divina revelação tem sido preservada. Em exemplos incontáveis, das velhas e bem desgastadas cópias, elas foram deliberadamente destruídas quando novas cópias foram feitas. Desta forma, o texto antigo tem sido perpetuado em cópias menos antigas. Algumas cópias muito antigas escaparam do apodrecimento, estrago e destruição pela simples razão que elas não foram reputadas como acuradas o suficiente para propósitos de copiar ou para uso comum. Dr. E. F. Hills chama a atenção a isto no seu erudito, sábio e pequeno livro, *The King James Version Defended (A Versão King James Defendida)* O Autor recebeu seu A. B. da Universidade de Yale e seu Doutorado em Teologia de Harvard. Ele também se dedicou a estudos de mestrado e pós-graduação na Universidade de Chicago e no Seminário de Calvin. Dr. Hills está credenciado a ser ouvido por causa da sua erudição e pesquisa científica, que o qualifica para avaliar os fatos.

As extrações seguintes foram tiradas de seu livro, páginas 42,43 e 69.

“Kirsopp Lake, um brilhante crítico das Escrituras, iniciou seu estudo dos manuscritos Bizantinos com a expectativa de achar muitas situações em que um dos manuscritos examinados pudesse provar-se ser uma cópia direta de um dos outros manuscritos. Mas para sua surpresa, ele não pode descobrir nenhum caso deste de cópia direta. Ele sumarizou esta situação de surpresa da seguinte maneira: ‘O grupo Ferrar e família 1 são os únicos casos relatados de cópia repetida de um único arquétipo, e mesmo para o grupo Ferrar houve provavelmente dois arquétipos ao invés de um Aparte destes dois parece haver grupos nenhuns de manuscritos que são, de modo concebível, descendentes de um único codex perdido... Levando este fato em consideração junto com o

resultado negativo de nossa colocação dos manuscritos no Sinai, Patmos e Jerusalém, fica difícil resistir a conclusão que os escribas geralmente destruíam seus exemplares quando tinham copiado os livros sagrados.⁴

“Mas esta hipótese que Lake advanced como algo novo e startling era essencialmente o mesmo que consistentemente eruditos cristãos, tais como J.W. Burgon (1813-1888), Deão de Chichester, tinham afirmado muito antes. De acordo com Burgon,⁵ em um determinado tempo, havia muitos manuscritos antigos contendo o texto Bizantino, manuscritos muito mais velhos que B⁶ ou ALEPH. Mas eles eram lidos tão constantemente e copiados tão freqüentemente, que finalmente eles se gastaram e pereceram. Isto é o porque de apenas poucos manuscritos Bizantinos antigos existem hoje, nenhum dos quais é tão antigo quanto B ou ALEPH. E de modo inverso, a razão por que o B, ALEPH, e outros manuscritos não-Bizantinos tem sobrevivido até o presente dia *é porque eles foram rejeitados pela Igreja Grega como falhos e, portanto, não usados.*

“A contenda de Burgon foi universalmente rejeitada em seus dias pelos críticos naturalistas. É interessante, entretanto, vê-lo confirmado quarenta e cinco anos mais tarde pelo representante líder da Escola naturalística. Pois se Lake estava certo em supor ‘que os escribas geralmente destruíam seus exemplares quando eles tinham copiado os livros sagrados,’ então muitos manuscritos poderiam ter perecido desta maneira, e certamente B, ALEPH, e outros manuscritos não-Bizantinos agora existentes poderiam ter igualmente perecido *caso tivessem contido um texto aceitável.*

“Críticos naturalísticos do Novo Testamento parecem enfim ter alcançado o fim da trilha. A avenida larga de Westcott e Hort, que parecia levar tão rapidamente e suavemente ao texto original do Novo Testamento, tem minguado para uma estreita vereda, terminou finalmente num *labirinto* de árvores espessas. Para aqueles que o tem seguido, só há uma coisa a fazer, e é voltar e recomeçar a jornada *toda de novo.*====

⁴ *Harvard Theological Review*, Vol. 21 (1928), pgs. 347-349.

⁵ *The Revision Revised* (London, 1883), p. 319.

⁶ O Codex Vaticanos e Codex Sinaiticus do 4º século, através dos quais, críticos desencaminhados têm tentado corrigir o texto do Novo Testamento.

toda novamente do ponto de partida cristão consistente; nomeado inspiração divina e preservação providencial da Escritura.

“Aqueles que tomam essas doutrinas como seu ponto inicial, nunca precisam ficar apreensivos acerca dos resultados das sua pesquisas no texto do Novo Testamento. Isso é porque a providência de Deus estava supervisionando este texto sagrado, mesmo durante os três primeiros séculos da era cristã.. Mesmo durante este problemático período, um número suficiente de cópias confiáveis das Escrituras do Novo Testamento foram produzidas por crentes verdadeiros sob o guiar do Espírito Santo. Esses eram os manuscritos aos quais a totalidade da Igreja Grega retornou durante o quarto e quinto século. novamente, sob a liderança do Espírito Santo, e dos quais o texto Bizantino foi derivado.”

O Dr. John Warwick Montgomery, autor do livro penetrante e incisivo, *O Suicídio da Teologia Cristã (The Suicide of Christian Theology)*, faz este comentário na página 38: “O valor histórico do registro do Novo Testamento acerca de Cristo é, quando considerado do ponto de vista objetivo da erudição textual, nada menos que eminente. Escreve Sir Frederic G. Kenyon, antigo diretor e principal bibliotecário do Museu Britânico: ‘O intervalo... entre as datas da composição original e as evidências mais antigas existentes se torna, de fato tão desprezível, que a última fundação para qualquer dúvida que as Escrituras chegaram até nós substancialmente como foram escritas, tem agora sido removida. Ambas a *autenticidade* e a *integridade geral* dos livros do Novo Testamento podem ser consideradas como finalmente estabelecidas.’ ”⁷

Dr. Yigael Yadin é o autor do livro mais incomum, *Masada*, a significativa descoberta arqueológica revelando a vida heróica e a luta dos judeus Zealots. Dr. Yadin, no tempo da luta de Israel pela independência e durante a Guerra da Liberação de 1948, se tornou o Chefe das Operações das Forças de Defesa de Israel e depois o Chefe do Staff dos Generais.

Em 1952 ele demitiu-se do exército e continuou suas pesquisas ligando-se à Universidade Hebraica em Jerusalém, onde ele é agora professor de arqueologia. Entre 1955 e 1958 ele dirigiu escavações em Hazor, e em 1960 e 1961 ele liderou explorações nas cavernas do Deserto da Judéia, onde documentos Bar-Kochba foram descobertos. Ele tem feito muitos trabalhos sobre a área dos rolos do Mar Morto, e tem escrito numerosos trabalhos sobre arqueologia em jornais científicos. Em 1956 ele ganhou o prêmio de Israel em Estudos Israelitas e em 1965 o prêmio Rothschild em humanidades. O que se segue são extratos do seu livro.⁸

⁷ The Suicide of Christian Theology, © 1970 Bethany Fellowship, Inc.

⁸ Yigael Yadin, *MASADA: Herod's Fortress and the Zealots' Last Stand*. Copyright © 1966 by Yigael Yadin. Reimpresso sob permissão de Random House, Inc.

“Acerca de três pés [NT: um metro] distante dos shekels, o primeiro rolo foi encontrado. Todos os detalhes desta descoberta estão nítidos na minha mente. Nas primeiras horas da tarde, enquanto eu estava em uma das grutas do lado Norte, Shmaryahc Guttman veio correndo em minha direção, seguido por alguns voluntários que trabalhavam com ele, e apresentou diante de mim um pedaço de pergaminho. Estava tão preto e escurecido que apenas com dificuldade alguém poderia tirar algo dele. Todavia, um rápido exame no local nos mostrou imediatamente que aqui estava um fragmento do Livro do Salmo 81 ao Salmo 85.

“Um pouco depois nós também achamos outra parte do pergaminho [rolo], o qual completou a parte superior do primeiro fragmento. Esta descoberta é de uma extraordinária importância para a pesquisa de pergaminhos. Não apenas foi a primeira vez que uma folha de rolo tinha sido achada, não em uma caverna, e em circunstâncias onde era possível datá-lo sem a menor sombra de dúvida. Não poderiam ser de modo algum posterior ao ano de 73 A.D., o ano que MASADA⁹ caiu. Na verdade, esse rolo foi escrito bem antes, talvez vinte ou trinta anos antes, e é interessante que esta seção do Livro dos Salmos, como também outros rolos Bíblicos, o quais foram achados depois, são quase exatamente idênticos (exceto por poucas pequenas mudanças aqui e ali) ao texto dos livros bíblicos os quais usamos hoje. Mesmo a divisão em capítulos

⁹ Yigael Yadin, MASADA

e salmos é idêntico à divisão tradicional” (pp. 171-172)

“No exato primeiro dia da segunda temporada, no início da tarde, coube a um jovem rapaz de um Kibbutz na parte Oeste da Galiléia, a descoberta no canto oeste da [quadra] em frente à grande muralha, fragmentos de um rolo espalhados entre as ruínas... A descoberta provocou grande entusiasmo e foi tomada como um alegre [incentivo] para nosso futuro trabalho. Partes dos fragmentos tinham sido [subtraídas], mas aquelas que estavam intactas, estavam muito bem preservadas e nós podíamos imediatamente identificá-los como sendo vários capítulos do livro de Levíticos, capítulos oito a doze, e [digno] de nota que esse rolo também era absolutamente idêntico ao texto tradicional de Levíticos... Como esse rolo chegou a esse local nós jamais saberemos. Talvez ele tenha sido levado pelo vento até chegar aqui durante a destruição de Massada e tenha sido jogado aqui por um dos soldados romanos. De todos os eventos, sua descoberta aqui pode ser chamada um “milagre” arqueológico” (p. 179)

“Dentro de poucas horas ele [Oficial Chefe Moshe Cohen da Marinha Israelense] tinha atingido quase o fundo do poço e lá suas [suas] mãos acharam o que restou de um rolo. Apesar do pergaminho estar terrivelmente amassado, ele podia imediatamente identificar os escritos como capítulos do livro de Ezequiel; e as partes que estavam melhores preservadas que outras, as quais podiam facilmente ser lidas, continham extratos do capítulo 37 – a visão dos ossos secos.

“Quanto aos pergaminhos enrolados descobertos na primeira gruta, foi encontrado ao se abrir – o que ser feito com grande cuidado no laboratório em Jerusalém – que continha partes dos dois capítulos finais do livro de Deuteronômio. Porém, o miolo do pergaminho, enrolado de modo apertado, e sobre o qual se devotava esperança de ser recuperado, se demonstrou, para nosso espanto, ser simplesmente o fim de folhas brancas do rolo. Eles tinham sido costuradas às folhas escritas do rolo para facilitar o enrolar e desenrolar. Desnecessário adicionar nesse ponto, que esses dois rolos, também, são virtualmente idênticos ao texto Bíblico tradicional.

Existem apenas poucas e pequenas mudanças no rolo de Ezequiel.” (pp 187-189)

Nas páginas seguintes, apesar de haver uma linguagem técnica e difícil para o leigo médio captar, há também muito que qualquer pessoa pode compreender se beneficiar imensamente. Possa Deus, o Abençoado Espírito Santo, usar as páginas desse livro para inspirar e desafiar os corações dos crentes que foram comprados com o precioso sangue do Filho de Deus. Que estejamos dispostos a nos firmar contra o que é errôneo e sempre prontos a dar a razão da esperança que há em nós com temor e mansidão.

BLANK

Os Homens Letrados

Terence H. Brown

O Rev. Terence H. Brown tem sido o Secretário da Trinitarian Bible Society de Londres, Inglaterra por um bom número de anos e é um merecido erudito. Deus está usando de modo crescente a TBS ao redor do mundo com filiais sendo formadas recentemente no Canadá e Estados Unidos.

“Há muitos escolhidos que foram maiores aos olhos de outros homens do que sob os olhos deles próprios e buscaram a verdade ao invés de seus próprios engrandecimentos.”¹

Defensores das versões modernas freqüentemente assumem que elas são produto de erudição muito superior à Versão King James de 1611, mas esta suposição não se sustenta nos fatos. Os homens letrados que trabalharam na nossa Bíblia Inglesa foram homens de excepcionais habilidades e apesar de diferirem entre si sobre muitos assuntos de ordem eclesiástica e administração e de doutrina, eles abordaram a tarefa com uma consideração reverente pela Inspiração Divina, autoridade e inerrância das Sagradas Escrituras. Para eles, ela era “A Verdade sagrada de Deus” e exigia o exercício de seus extremos cuidados e fidelidade na sua tradução.

¹ Miles Smith, *The Translators to The Reader*.

Os homens mais letrados no país foram escolhidos para este trabalho, e a lista completa mostra a elevada proporção de homens com conhecimento profundo das línguas nas quais a Bíblia foi escrita. Dos cinquenta e quatro que foram escolhidos, poucos morreram ou se retiraram antes da tradução ter começado e a lista final ficou com quarenta e sete homens. Eles foram divididos em seis sociedades, e uma porção foi designada a cada grupo. Cada um em cada grupo traduziu a porção toda antes que eles se reunissem para comparar seus resultados e concordarem na forma final. Eles então transmitiram seus esboços a cada um dos outros grupos para seus comentários e consentimentos. Uma comissão selecionada então ia cuidadosamente por todo o trabalho novamente, e por fim dois dos seus colegas eram responsáveis pelo cheque final.

As seis comissões ficariam de se encontrar na Westminster, Oxford e Cambridge. A primeira Comissão de Westminster teve participação de:

1. Dr. Lancelot Andrewes, membro de Pembroke, Cambridge, onde obteve seus títulos de Bacharel em Artes, Mestrado em Artes e divindade, posteriormente tornou-se Deão de Westminster, Bispo de Ely e então de Winchester.
2. Dr. John Overall, Membro da Trinity e Master de St. Catharine's, Cambridge, tornou-se Deão de St. Paul's e sucessivamente Bispo de Coventry e Lichfield e Norwich. Ele obteve seu Doutorado em Divindade em 1596 e tornou-se Professor Regius de Divindade em Cambridge.
3. Dr. Adrian Saravia, Professor de Divindade na Universidade de Leyden em 1582, tornou-se Prebendário de Canterbury e Westminster. Nas controvérsias daquele período, ele era freqüentemente referido com "aquele erudito estrangeiro." Sua descendência Espanhola e residência na Holanda o qualificou para assistir os tradutores com seu conhecimento de primeira mão do trabalho de eruditos Espanhóis e Holandeses.
4. Dr. John Layfield, Membro da Trinity, Cambridge em 1585 e conferencista em grego em 1593, foi especialmente perito em arquitetura; e contou-se com seu julgamento quanto às passagens descrevendo o Tabernáculo e Templo.
5. Dr. Richard Clarke, Membro da Christ's College(Faculdade de Cristo), Cambridge, Doutor em Divindade.

6. Dr. William Theigh, Archdeacon de Middlesex, Reitor de All Hallows, “Barking-by-The-Tower”, descrito por Wood como um excelente textuário e profundo linguista”
7. Dr. F Burleigh, B.D. 1594, , Doutor em Divindade em 1607. membro de King James College, Chelsea.
8. Richard Thompson, M.A., membro de Clare College, Cambridge, descrito por Richard Montague como “o mais admirável filólogo...mais conhecido na Itália, França e Alemanha do que em sua própria terra
9. William Bedwell, M.A., St. John College, Cambridge, estabeleceu sua reputação como erudito arábico antes de 1603 e é reconhecido como “o pai dos estudos arábicos na Inglaterra”. Ele foi o autor do “Lexico Heptagloton” [N.T.: Dicionário de sete Línguas]. em sete volumes incluindo Hebraico, siríaco, caldeu e arábico. Ele também começou um dicionário persa e uma tradução arábica das epístolas de João (agora entre os MSS Laud na Biblioteca Bodleian)
10. Professor Geoffrey King, Membro de King’s College, Cambridge, e Professor Regius de Hebraico. Lively, Spalding King e Byng ocuparam o professorado em sucessão.

A segunda Comissão de Westminster incluía outros sete eruditos:

1. Dr. William Barlow, de St. John, Cambridge, B.A. em 1583, M.A. em 1587, Membro de Trinity em 1590, B.D. em 1594, D.D. em 1599. Ele representou o “Partido da Igreja” na Conferência de Hampton Court e escreveu o “Sumário e Substância da Conferência”, o qual os puritanos criticaram como sendo tendencioso contra suas causas. Ele foi feito Bispo de Rochester em 1605, “um dos mais jovens em idade, mas um dos mais maduros em aprendizado” de todos os que tinham ocupado aquela posição. Posteriormente se tornou o Bispo de Lincoln.
2. Dr. Ralph Huchinson, Presidente de St. John’s College, Oxford. B.A. em 1574, M.A. em 1578, B.D. em 1596 e D.D. em 1602.

3. Dr. T. Spencer, Presidente de Corpus Christi College, Oxford.
4. Dr. Roger Fenton, Membro de Pembroke, Cambridge, D.D. um dos pregadores populares daqueles dias.
5. Mr. Michael Rabbet, Reitor de St. Vedast, Foster Lane.
6. Mr. Thomas Sanderson, Reitor de All Hallows.
7. Professor William Dakins, Membro de Trinity, Cambridge, M.A. em 1594, B.D. em 1601, Palestrante de Grego em Trinity, e Professr de Divindade no Gresham College em 1604.

A Comissão do Velho Testamento de Oxford listava:

1. Dr. John Harding, Presidente de Magdalene College e Professor Regius de Hebraico. Ele presidia esta comissão..
2. Dr. John Reynolds, Merton College, Oxford, mudou-se para Corpus Christi a se tornou Membro em 1566. Ele obteve o seu Doutorado em Divindade em 1585 e se tornou Professor Regius em Divindade. Depois de muitos anos com Deão de Lincoln, ele se tornou Presidente de Corpus Christi College em 1598. Ele representou os Puritanos na Conferência de Hampton Court, na qual ele sugeriu que uma nova tradução da Bíblia fosse feita. Sua reputação como erudito do Grego e Hebraico foi o suficiente para sua inclusão entre os tradutores e Hall relata que “sua memória e leitura eram quase que um milagre.” Ele trabalhou na tradução dos Profetas até a sua morte em 1607. Durante esse período, os tradutores de Oxford se encontravam em sua residência uma vez por semana para comparar e discutir o que eles tinham feito.
3. Dr. Thomas Holland, Balliol e Exeter Colleges, Oxford, B.A., 1570, M.A. 1575, B.D. 1582, D.D. 1584, Mestre e Professor Regius de Divindade, 1589. Ele alcançou tanta distinção em tantos ramos do conhecimento, que ele era não só o mais altamente estimada entre os eruditos Inglesaes, bem como tinha uma boa reputação nas Universidades da Europa. Como Apolo, ele era poderoso nas Escrituras e como o Apóstolo, ele era fiel aos explaná-las. Seu exemplo ia passo a passo com

os seus preceitos, e ele vivia o que pregava aos outros. Entre os tradutores, ele era provavelmente o que mais fortemente se opunha a Roma e é registrado que, onde quer que ia em jornadas além da universidade, ele juntava os homens e “recomendava-os ao amor de Deus e à repugnância ao papado.”

Seu biógrafo escreve: - “Ele amava e suspirava por Deus, pela presença de Deus, e pelo pleno regozijo nEle. Sua alma era feita para o céu, e não podia achar descanso algum até que fosse para lá. Sua oração no leito de morte foi – ‘Vem, oh vem, Senhor Jesus, Tu, Estrela da Manhã! Vem, Senhor Jesus; eu desejo ser dissolvido e estar Contigo!’ ”

4. Dr. Richard Kilbye, Lincoln College, Oxford, B.A. 1578, M.A. 1582, B.D. e D.D em 1596 e Professor Regius de Hebraico em 1610. Autor de um trabalho em Êxodo preparado proveniente de comentaristas do Hebraico. Uma história interessante é encontrada na biografia de Walton feita pelo Bispo Sanderson, ilustrando a verdade de um provérbio antigo, que diz : “só um pouco de conhecimento é uma coisa perigosa.” O Dr. Kilbye, um excelente erudito em hebraico e Professor dessa língua na universidade, e também *expert* em Grego, e escolhido como um dos tradutores, saiu numa visita com Sanderson, e à igreja num domingo ouviram um jovem pregador desperdiçar grande parte do tempo cedido ao sermão na crítica de várias palavras da então recente tradução. Ele cuidadosamente mostrava como uma palavra em particular deveria ter sido traduzida de forma diferente. Posteriormente naquela noite, o pregador e os eruditos visitantes foram convidados a uma refeição, e Dr. Kilbye aproveitou a oportunidade para dizer ao pregador que ele poderia ter usado seu tempo mais proveitosamente. O Doutor então explicou que os tradutores tinham considerado mui cuidadosamente as “três razões” dadas pelo pregador, mas eles acharam mais outras treze razões de peso para colocar a tradução reclamada pelo jovem crítico.
5. Dr. Miles Smith, M.A., D.D., Corpus Christi, e

Brasenose (*College**) e Christ Church, Oxford, Bispo de Gloucester em 1612. Ele proveu mais evidências da sua contribuição do que qualquer dos outros, pois foi deixado a ele escrever o longo Prefácio do Tradutor – “Os Tradutores para o Leitor,” que costumava ser impresso no começo de grande parte das Bíblias Inglesas. Seu conhecimento das línguas orientais fez dele bem qualificado para um lugar dentre os tradutores da Versão Autorizada da Bíblia. Ele tinha Hebraico na ponta de seus dedos; e era mui versado com caldeu, siríaco e árabe, que fê-las tão familiar para si como sua língua nativa. Ele persistiu na sua tarefa do seu início à conclusão e foi ele o último homem engajado na tradução.

O trabalho da total associação foi revisada e aprimorada por um selecionado pequeno grupo do conjunto dos seus colegas, e foi finalmente examinado por Bilson e Miles Smith. O último então escreveu o famoso prefácio, começando – “Zelo para promover o bem comum....”

6. Dr. Richard Brett, Membro da Lincoln College, Oxford, D.D., mui perito nas línguas clássicas e orientais, latim, grego, hebraico, caldeu, árabe e etíope.
7. Mr. Fairclowe, Membro da New College, Oxford.

O Comitê do Novo Testamento de Oxford inclui:

1. Dr. Thomas Ravis, Christ Church, Oxford, B.A. 1578, M.A. 1581, B.D. 1589, D.D. 1595, Vice Chanceler 1597. Ele foi um dos seis deões que participaram da Conferência da Hampton Court em 1604 e foi feito Bispo de Gloucester naquele ano.
2. Dr. George Abbot - iniciou seus estudos universitários na Balliol College, Oxford em 1578 e logo tornou-se conhecido por seu forte Calvinismo e puritanismo. Em 1593 obteve seu B.D., em 1597 seu D.D., e no mesmo ano tornou-se Mestre da University College na idade de 35; e poucos anos depois foi Vice Chanceler. Ele mui fortemente opôs-se a influência Romanizante de Laud e foi muito severo em suas denúncias...

* nota do tradutor

da tudo que cheirava a “papismo.” Não obstante, ele aceitou alguns altos cargos na Igreja Anglicana e, em 1609, tornou-se Bispo de Lichfield e Arcebispo de Canterbury em 1611. Foi reputado como o líder maior dos Puritanos dentro da Igreja Anglicana, e vigorosamente opôs-se à declaração do Rei que permitia esportes e passatempos no Dia do Senhor. Ele encorajou James a solicitar o General do Estado para demitir Vorstius do seu professorado em Leyden por causa do seu Arminianismo.

3. Dr. R. Eedes, Deão de Worcester.
4. Dr. Giles Thompson, Deão de Windsor, Bispo de Gloucester, um homem de alta reputação como erudito e pregador.
5. Sir Henry Saville, Brasenose College, Oxford, Membro de Merton College em 1565 e de Warden em 1585, Diretor de Eton em 1596, Tutor da Rainha Elisabeth . Elel era um pioneiro em muitos ramos da erudição e fundador do “Professorado Savillian de Matemática e Astronomia em Oxford”. Seus trabalhos incluem uma edição em oito volumes dos escritos de Crisóstomo.
6. Dr. John Perin, Membro de St. John’s College, Oxford, Câneone de Christ Church e professor de Grego.
7. Dr. Ralph Ravens, Membro de St. John’s College.
8. John Harmar, M.A. New College, Oxford, Professor de Grego em 1585. Ele era bem versado em teologia patrística e escolástica e um notável Latinista e estudioso do Grego. Seus trabalhos incluem tradução dos sermões de Calvino sobre os dez mandamentos, traduções dos sermões de Beza, e algumas das Homilias de Crisostômo.

A primeira Comissão de Cambridge também enumerava oito eruditos:

1. Edward Liveley, Trinity College, Cambridge, B.A. em 1568, M.A. e Membro em 1572, Professor Regius de Hebraico em 1575, desfrutava a reputação de entendimento sobre as línguas orientais não igualadas naquele período.

2. Dr. John Richardson, Membro de Emmanuel College, D.D., Mestre de Peterhouse e posteriormente Mestre de Trinity.
3. Dr. Laurence Chaderton, Membro de Christ's College, D.D., Mestre de Emmanuel. Chaderton entrou em Christ's College em 1564 e abraçou as doutrinas reformadas. Ele foi criado com Católico Romano, e seu pai ofereceu-lhe uma mesada de trinta libras se ele deixasse Cambridge e renunciasse o Protestantismo – “Caso contrário eu enviarei um “shilling” [N.T. equivalente a fração de uma libra) para comprar uma carteira – para que vá e peça esmolas.” Ele adquiriu grande reputação como Erudito do Latim, Grego e Hebraico e era proficiente também no Francês, Espanhol e Italiano. Por cinquenta anos ele foi o Palestrante da Tarde em St. Clement, Cambridge e quarenta dos cléricos diziam que eles deviam suas conversões às suas mensagens.
Ele era um notável Puritano; mas ele não se juntou aos clamores contra o “prelado”, apesar dele nunca ter aceitado o “bispado”. Ele era um dos três representantes da “Milenária Petição” na Conferência de Hampton Court. Esse fiel pregador e professor viveu até aos 94 anos de idade (um dos seus biógrafos diz 104 anos), e quase até a época da sua morte ele era capaz de ler seu Novo Testamento Grego com letra minúsculas.
4. Francis Dillingham, Membro de Christ's College, Cambridge, M.A. em 1590 e B.D. em 1599. De acordo com Fuller, ele era “um excelente lingüista e astuto disputador.” Seus trabalhos incluem *Um Dissuasório do Papado, contendo doze efetivas razões pelas quais todo Papista, não propositalmente cego, deve ser trazido à verdade.*
5. Dr. Roger Andrewes, Membro de Pembroke, Mestre de Jesus College, D.D., irmão do Dr. Lancelot Andrewes.
6. Dr. Thomas Harrison, St. John's College, Cambridge, B.A. em 1576. Membro, Tutor e Vice-Master de Trinity, D.D. notável Hebraísta e examinador chefe em Hebraico. Ele era um convencido Puritano.
7. Professor Robert Spalding, Membro de St. John's College, Cambridge, sucedeu Edward Liveley como professor de Hebraico.

8. Professor Byng, membro de Peterhouse, Cambridge e Professor de Hebraico.

A segunda Comissão de Cambridge incluía os seguintes eruditos:

1. Dr. John Duport, Jesus College. M.A. e Membro antes de 1580, D.D. em 1590, Mestre de Jesus College, quatro vezes Vice-Chanceler da Universidade.
2. Dr. William Brainthwaite, membro de Emmanuel e Mestre de Gonville e Gaius College.
3. Dr. Jeremiah Redcliffe, Membro de Trinity College, Cambridge.
4. Dr. Samuel Ward, Emmanuel College, Cambridge, D.D., Mestre de Sidney College, e Professor de Margaret. Sua correspondência com o arcebispo Ussher, contém tesouros de diversificado conhecimento, especialmente concernente ao criticismo Bíblico e Oriental.
5. Professor Andrew Downes, St. John's Cambridge, B.A. 1567, Membro 1571, M.A. 1574, B.D. 1582, Professor Regius de Grego 1585. Downes e Boys reviveram o estudo de Grego em St. John's. Esses dois homens juntaram Miles Smith na sub-comissão, na qual submeteu toda a tradução a um final e cuidadoso processo de checagem e correção.
6. John Boys, Membro de St. John's , Cambridge, e Palestrante de Grego lá. Ele nasceu em 1560 e já com muito pouca idade apresentava um inusitado interesse em línguas. Ele começou a ler Hebraico aos cinco anos de idade e foi admitido em St. John's College, Cambridge, quanto ele tinha catorze anos. Lá, ele muito cedo, se distinguiu por seu conhecimento da língua Grega, a qual ele por vezes estudava na biblioteca das 4 horas da madrugada até às 8 da noite.

Quando ele foi eleito Membro do seu Colégio, ele padecia de varíola, mas estava tão ansioso para não retardar a sua carreira que, sob risco de prejudicar a si mesmo e aos colegas, ele persuadiu seus amigos a envolvê-lo...

em cobertas e transportá-lo para dentro. Após estudar medicina por algum tempo ele desistiu desse curso e aplicou-se ao estudo do Grego. Por dez anos ele foi o palestrante principal no seu Colégio. Às 4 horas da manhã ele voluntariamente dava aulas de Grego em seu próprio quarto, a qual era freqüentada por muitos de seus colegas.

Depois de vinte anos de vida universitária, ele se tornou o Reitor de Boxworth em Cambridgeshire, e enquanto ele estava lá, arranjou que, juntamente com outros doze ministros, todos se reunissem cada sexta-feira na casa de um deles, alternadamente, de modo a compartilhar o resultado de seus estudos.

Quando a tradução da Bíblia começou, ele foi o escolhido para ser um dos tradutores de Cambridge e, eventualmente, ele não só se incumbiu da sua porção, como também a parte alocada a outro membro da comissão. Quando o trabalho estava completo, John Boys foi um dos seis tradutores que se encontrava no Stationer's Hall, para revisar o todo. Isso tomou-lhes cerca de nove meses, e durante esse período a Companhia de Stationers deu-lhes uma mesada de trinta "shillings" por semana.

Depois de uma longa vida de estudos proveitosos, ministério, traduções e escritos, ele morreu com a idade de oitenta e quatro anos, com "sua fronte sem rugas, sua vista alerta, sua audição precisa, seu semblante viçoso e seu corpo ileso."

7. Dr. Ward, Membro de King's College, Cambridge, D.D., Diretor de Chichester.

Lancelot Andrewes, um Membro da Comissão de Westminster obteve sua educação inicial em Coopers Free School e em Merchant Taylors School, onde seu rápido progresso no estudo das línguas antigas foi notado pelo Dr. Watts, o fundador de algumas bolsas de estudo em Pembroke Hall, Cambridge. Andrewes foi enviado àquela escola, onde ele obteve seu grau de B.A. e logo após ele foi eleito Membro. Ele então, obteve seu grau de Mestrado e começou a estudar divindade e alcançou grande distinção como palestrante. Ele foi levantado para diversas posições de influência na igreja da Inglaterra e se distinguiu...

como um diligente e excelente pregador e se tornou Capelão da Rainha Elisabeth I. O Rei James I o promoveu a ser Bispo de Chester em 1605 e também concedeu a ele a posição influente de Lord Almoner. Ele posteriormente se tornou o Bispo de Ely e Conselheiro Privado. Ao fim de sua vida, ele se tornou Bispo de Winchester.

É registrado que Andrewes era um homem de profunda piedade e que o Rei James tinha tanto respeito por ele, que em sua presença ele se abstinha de certos deslizes nos quais ele tropeçava em outras circunstâncias. Um sermão pregado no funeral de Andrewes em 1626 pagou tributo à sua grande erudição – “Seu conhecimento de Latim, Grego, Hebraico, Caldeu, Siríaco e Arábico, além de quinze línguas modernas era tão avançado que ele bem pode ser posicionado como um dos raros lingüistas na Cristandade.

“Uma grande parte do dia, como que cinco horas, ele passava em oração, e em sua última enfermidade ele passava todo o seu tempo em oração – e quando ambos, voz e olhos e até mesmo as mãos, falhavam nos seus ofícios, seu semblante demonstrava que ele ainda orava e louvava a Deus em seu coração, até que aprouvesse a Deus receber sua abençoada alma para Si.”

Nenhuma pessoa razoável imagina que os tradutores eram infalíveis ou que o seu trabalho fosse perfeito, mas ninguém conhecedor dos fatos pode negar que eles eram homens de extraordinária erudição, bem qualificados para seus importantes trabalhos, ou pode negar que com as bênçãos de Deus eles completaram suas grandes tarefas com cuidado escrupuloso e fidelidade.

É notável que os estilos literários dos membros das comissões, individualmente, era geralmente inferior ao da versão que eles conjuntamente produziram. A explicação para isso é que eles exercitaram sabedoria em deixar incólume o estilo simples e o vocabulário de tradutores anteriores. Se eles tivessem lançado a tradução no estilo da moda mais adornada, que era a época deles, seria duvidoso que o seu trabalho tivesse triunfado por tanto tempo com tem sido. Eles fizeram milhares de pequenas mudanças, a maioria das quais melhorou o ritmo, clareou o sentido, ou aumentou a precisão da tradução.

Eles eram, sem a menor dúvida “homens letrados” – e suas erudições era acompanhada por profunda convicção da Divina...

divina origem dos registros dos quais eles estavam traduzindo. Conhecimento e fé iam de mãos dadas para abris os depósitos da Palavra da Verdade de Deus para o enriquecimento espiritual de milhões de pessoas, de geração em geração, por um período de mais de trezentos e cinquenta anos.

O Texto Grego da Versão King James

Zane C. Hodges

Este artigo é reproduzido com a gentil permissão do Prof. Z. C. Hodges e do Dr. J. F. Walvoord, Editor da *Bibliotheca Sacra*, publicada pelos Catedráticos do Dallas Theological Seminary and Graduate School of Theology. Prof. Hodges é Professor Assistente de Literatura e Exegese do Novo Testamento em Dallas Theological Seminary.

O cristão, crente-na-Bíblia, medianamente bem educado, tem ouvido freqüentemente a Versão King James ser corrigida sob a base dos “melhores manuscritos” ou “autoridades mais antigas”. Tais correções são freqüentemente feitas de púlpito, bem como encontradas na página impressa. Se ele, alguma vez, pesquisou sobre a matéria, o crente-na-Bíblia tem sido ensinado, provavelmente, que o texto Grego usado pelos tradutores de 1611 é inferior do que o usado por traduções mais recentes. A ele, talvez, tenha sido dito que o estudo do texto Grego do Novo Testamento, (chamado de Alta Crítica) é agora uma disciplina altamente desenvolvida, a qual nos levou a um conhecimento mais preciso do texto original da Bíblia. Na falta de qualquer tipo de treinamento técnico nessa área, o crente mediano, provavelmente, tenha aceitado tais explicações de indivíduos, os quais ele julga qualificados para dá-las. Não obstante, mais de uma vez, ele pode ter sentido uma pontada de desconforto sobre todo esse assunto e pode ter imaginado se, por algum possível acaso, a familiar King James não pudesse de alguma maneira ser melhor...

do que os seus detratores pensam. É propósito desse artigo afirmar que, de fato, há base para esse tipo de desconforto e – o que é mais – essas base são consideráveis.¹

À guisa de introdução, deve ser reforçado que um grande número de manuscritos Gregos do Novo Testamento sobrevivem hoje. Uma recente lista fornece os números: manuscritos papiros, 81; maiúsculos (manuscritos escritos em letras capitulares), 267; minúsculos (manuscritos escritos numa caligrafia menor), 2.764². É claro, muitos desses manuscritos são fragmentados e a maioria deles não contém o Novo Testamento inteiro. Não obstante, para um livro antigo, os materiais disponíveis são abundantes e mais do que adequados para as nossas necessidades, desde que sejam propriamente manuseados pelos eruditos. Igualmente é bem sabido entre os estudantes de crítica textual, que uma grande maioria dessa grande massa de manuscritos – algo entre 80-90% - contém um texto Grego o qual assemelha-se muito próximo ao tipo de texto o qual foi a base da nossa Versão King James³. Essa peça de informação, todavia, pode vir como uma surpresa a muitos crentes comuns os quais obtiveram a impressão que...

¹ O corpo desse artigo que se segue, é escrito de modo que possa ser entendido pelo leitor de um modo geral. Mais informações técnicas, para aqueles que possam querer, será encontrada nas notas de rodapé.

² Os números são os do Prof. Kurt Aland, a quem eruditos têm atribuído a tarefa de designar números aos manuscritos gregos na medida em que eles são achados. Em adição aos totais fornecidos abaixo, Aland também lista 2.143 lecionários (manuscritos contendo lições das Escrituras, as quais eram lidas publicamente nas igrejas), de modo que o grande total de todos esses tipos de texto é 5.255. Kurt Aland, “The Greek New Testament: Its Present and Future Editions”, *Journal of Biblical Literature*, LXXXVII (June, 1968), 184.

³ De acordo com Aland, a percentagem de minúsculos pertencendo a esse tipo de texto é cerca de 90% (digamos 2.400 de um total de 2.700), enquanto que seus representantes são encontrados também entre os maiúsculos e papiros recentes. Cf. Kurt Aland, “Die Konsequenzen der neueren Handschriftenfunde für die neutestamentliche Textkritik,” *Novum Testamentum*, IX (April, 1967), 100. Entre os 44 manuscritos maiúsculos descritos no manual de Metzger, pelo menos metade pertence ou tem afinidades com esta forma de texto. Bruce M. Metzger, *The Text of The New Testament: Its Transmission, Corruption and Restoration*, pp. 42-61. O número baixo de oitenta por cento é, portanto, provavelmente uma estimativa segura da percentagem de testemunhas a esse texto dentre os papiros, maiúsculos e minúsculos tomados juntos.

a Versão autorizada é baseada principalmente por “manuscritos inferiores”, mas nunca descobriram que, o que os críticos textuais contemporâneos chamam de “manuscritos inferiores”, realmente, responde pela imensa maioria de todos os manuscritos.

A questão, portanto, que naturalmente surge é: em quais bases os eruditos se basearam para se livrar dessa imensa maioria de manuscritos que contêm um texto Grego muito semelhante ao usado pelos tradutores da Versão Autorizada de 1611. Por que eles preferem outros manuscritos com diferentes textos? Quais argumentos eles advogam para justificar suas visões? Desnecessário dizer que seria impossível no limitado escopo dessa discussão, considerar cada ramificação da moderna teoria textual. Deve ser suficiente colocar três básicos argumentos os quais são usados contra a Versão King James. Esse tipo de texto daqui por diante será referido como o texto Majoritário⁴. Os argumentos contra ele serão organizados por ordem crescente de importância.

I. Os Manuscritos Mais Antigos Não Dão Suporte ao Texto Majoritário

Este argumento é o que provavelmente mais impressiona a pessoa comum. Todavia, é ‘mais do que óbvio para a pesquisa textual, que o manuscrito mais velho não é necessariamente o que contém o texto melhor⁵. Ainda assim, o argumento de “antigos manuscritos” pode ser apresentado de um modo que soe bem impressionante.

Nenhum manuscrito Grego existente, o qual pode ser datado no quarto século ou antes contém um texto o qual pode ser...

⁴ Por este excelente nome, somos devedores ao Prof. Aland que nos informa que a sigla M representará o Majoritário na vindoura 26ª edição do texto *Nestle-Aland* Cf. *Aland Journal of Biblical Literature*, LXXXVII (June, 1968), 181. O termo Familiar “Texto Bizantino” nunca foi descritivamente preciso, nem foi inteiramente livre de tons pejorativos.

⁵ Recentemente isso foi reafirmado por Aland nessas palavras: “Mas, nem precisamos mencionar o fato que os manuscritos mais velhos não necessariamente, possuem os melhores textos. P⁴⁷ é, por exemplo, de longe o mais velho dos manuscritos contendo completamente ou o texto quase completo do Apocalipse, mas certamente não é o melhor.” Kurt Aland, “The Significance of The Papyri for Progress in New Testament Research”, *The Bible in Modern Scholarship*, ed. J. Philip Hyatt, p. 333.

claramente identificado com pertencente ao texto Majoritário. Além do mais, os achados de papiros dos últimos trinta ou quarenta anos dão espaço para manuscritos os quais mais ou menos dão suporte ao tipo de texto Grego usado nas traduções modernas (como a American Standard Version - ASV - ou a Revised Standard Version - RSV). Particularmente chocante é a descoberta do manuscrito papiro chamado P⁷⁵ contendo largas porções de Lucas e João. Esse novo achado, o qual é datado em torno de 200 A.D., possui um tipo de texto substancialmente igual ao que encontrado no famoso Codex Vaticanus (B) do quarto século. Mais do que outro manuscrito qualquer, o Codex B tinha há muito sido reputado como uma extremamente valiosa testemunha do texto do Novo Testamento. Por muitos era considerado como o mais valioso de todos. As edições modernas do Novo Testamento Grego e as traduções feitas deles se apoiavam fortemente na evidência de B. Agora, graças ao P⁷⁵, há prova que o tipo de texto Grego encontrado em B estava em circulação na última parte do segundo século e, sem dúvida até mesmo antes.⁶ Tudo isso, pode ser dito, tende a dar suporte à rejeição geral do Texto Majoritário pelos críticos modernos.

Tais argumentos, todavia, têm apenas uma plausibilidade superficial. Em primeiro lugar, todos nossos manuscritos antigos são provenientes basicamente do Egito. Isso é devido, principalmente, às circunstâncias do clima do Egito, que favorece a preservação de textos antigos numa maneira que o clima do resto do mundo Mediterrâneo não consegue. Não há boa razão de se supor que os textos achados no Egito nos dá uma amostragem adequada dos textos do mesmo período que se encontravam em outras partes do mundo. Alguém bem pode, da mesma maneira, afirmar que tomas amostras da fauna e flora do vale do Nilo é conhecer a fauna e a flora da Grécia ou da Turquia ou Itália. É, portanto, mais provável que o texto, no qual nossas modernas traduções se baseiam, seja simplesmente uma forma de texto Egípcio muito antigo, o qual sua proximidade ao original está ...

⁶ “Devido ao fato de B não ser um descendente da linhagem do P⁷⁵, o ancestral comum de ambos carrega o tipo de texto Alexandrino a um período anterior a 175-225 A.D., data designada ao P⁷⁵.” Bruce Metzger, “Second Thoughts: XII. The Textual Criticism of The New Testament,” *Expository Time*, LXXVIII (1967), 375.

aberta ao debate.⁷ Sem dúvida, Kurt Aland, o qual é co-editor de ambos textos Gregos críticos mais largamente usados, e quem certamente é o mais avançado erudito textual no continente europeu, propõe que o texto do P⁷⁵ e B representam a revisão de um texto local do Egito o qual foi reforçado como o texto dominante naquela particular província eclesiástica.⁸ Mas, se de fato, é possível que alguma tal explicação possa ser dada do texto dessas antigas testemunhas, é claro que deveremos olhar para outras razões por eles preferirem suas evidências, do que a idade apenas. Para que um texto revisado possa ser bom ou ruim, de qualquer maneira é um resultado do julgamento daqueles que o revisaram. Isso ilustra a razão do porque a maioria dos críticos textuais não discutir a superioridade de um manuscrito meramente porque ele era mais velho do que outros.

Outro fator militante contra a aceitação não crítica dos manuscritos mais antigos, é que eles mostram uma capacidade de se unir em torno de leituras, as quais - mesmo sob os olhos dos eruditos modernos - são, com toda a probabilidade, erradas. João 5:2 é um caso a se apontar. Aqui, três dos mais antigos manuscritos, os quais são P⁶⁶, P⁷⁵ (ambos em torno de 200 A.D.) e B (4º século). Todos três se unem ao exhibir “Betsaida” neste verso ao invés da familiar “Betesda” encontrada em nossa Versão Autorizada (A.V.). Apesar disso, as duas edições críticas do texto Grego mais amplamente usadas, a saber, o texto de Nestle e o texto das Sociedades Bíblicas Unidas, rejeitam “Betsaida” em favor da leitura “Bethzatha” que recebe o suporte - entre os textos Gregos existentes - apenas de Aleph (4º século, um pouco depois que B) e do minúsculo 33 do nono século. Entretanto, mesmo esta leitura, com toda a probabilidade, é errada, como já demonstrou o proeminente erudito alemão Joachim Jeremias na sua definitiva monografia intitulada, *The Rediscovery of Bethesda* (A Redescoberta de Betesda). Jeremias confiantemente...

⁷ O texto recente das Sociedades Bíblicas, editado por Kurt Aland, Matthew Black, Bruce Metzger e Allen Wilkgren, não freqüentemente rejeita as leituras baseadas por ambos P⁷⁵ e B. Não é de se admirar que, portanto, ele pode ser reputado como um próximo parente desses dois manuscritos, os quais retornam (ver nota de rodapé anterior) a um ancestral comum. Cf. I.A. Moir's review of The Bible Society Text in *The New Testament Studies*, XIV (1967), pp. 136-43.

⁸ Aland em *The Bible in Modern Scholarship*, p.336. Cf. também *Novum Testamentum*, IX (April, 1967), p. 91.

defende a leitura “Betesda” como original e evoca como evidência para isso o Rolo de Cobre da Caverna III em Qumran.⁹ Esse rolo, o qual a paleografia indica ter sido inscrito “entre 35 A.D. e 65 A.D., que é entre a vida e o ministério de Jesus e o escrito do Evangelho de João”¹⁰ contém uma forma hebraica do nome “Betesda”. Ainda mais, como com Jeremias mostra, a variante “Bethzatha” (Aleph, 33) pode agora ser explicado como meramente o correspondente aramaico da forma hebraica de Betesda achada no rolo de Cobre.¹¹ Portanto, a leitura do texto Majoritário, a qual não era encontrada em nenhum manuscrito existente antes do quinto século, tem afinal a prova superior de originalidade em João 5:2. Esse é um clássico exemplo de como a grande massa de manuscritos posteriores sem a menor carga sobre a imaginação, podem ser reputados como relacionados, voltando atrás, a outros manuscritos muitos mais antigos do que qualquer um que possuíamos atualmente.¹² A RSV (N.T.: Revised Standard Version de 1901) pode, razoavelmente ser acusada de em seguir a leitura “Bethzatha” enquanto que a AV pode continuar a ser aceita aqui com considerável confiança.

Além do mais, a concordância de P⁶⁶, P⁷⁵ e B na leitura espúria “Betsaida” levanta dúvidas sobre a suas independências como testemunhas do texto original. “Betsaida” não é o tipo de leitura variante à qual copistas normalmente produzem por acidente, mas é mais provável que seja resultado de um tipo de correção do texto. É bem possível, então, que todos os três manuscritos voltem atrás, no final das contas, a um simples manuscrito parente, no qual essa emenda foi originalmente feita. Portanto, suas inúmeras concordâncias contra o texto Majoritário são suspeitas sob a base que eles podem simplesmente reproduzir as leituras de uma cópia solitária -

⁹ Joachim Jeremias, *The Rediscovery of Bethesda: John 5:2*, pp. 11-12.

¹⁰ *Ibid.*, p. 36

¹¹ *Ibid.*, p. 12. A forma Hebraica no rolo de Cobre é uma dualidade, se encaixando precisamente com a descoberta arqueológica que Betesda era, de fato, uma piscina dupla. O Aramaico “Bethzatha” substitui a dualidade original com uma enfática terminação plural.

¹² O ponto é que, se admitirmos a originalidade de Betesda, não há válida razão porque sua presença na maioria dos manuscritos não possa ser atribuída a direta transmissão do autógrafo do Evangelho de João.

a extensão de quem, erros e revisões nós não sabemos.¹³

II. O Texto Majoritário é um Revisado, portanto, uma forma Secundária do Texto Grego

Às vezes ainda se discute que a forma de texto do Novo Testamento Grego, que se encontra na maioria dos manuscritos, deriva de uma revisão do texto feito num período durante os primeiros quatro séculos da era cristã (o terceiro século foi uma data popular por isso).¹⁴ Este argumento é freqüentemente elaborado com a afirmação de que os revisores que criaram este texto esforçaram-se em apresentar um texto uniforme, aceitável que combinou elementos de outros textos e mais antigos. Conseqüentemente, como corre o argumento, o tal fato de revisão, especialmente uma revisão eclética desta natureza, necessariamente reduz o testemunho desta maioria dos manuscritos para um nível secundário. Os “manuscritos mais antigos” são, portanto, os que devem ser preferidos porque, mesmo se os tais tenham sofrido alguma revisão, ela era de natureza menos crítica e de maior discernimento.

Não precisamos gastar muito tempo com este argumento na visão do fato que os críticos contemporâneos de forma alguma concordaram na forma que o texto Majoritário originou.

¹³ Eruditos já estão inclinados a conceder que há um ancestral comum para o P⁷⁵ e B (cf. a nota de rodapé 6). Nós podemos postular aqui que este ancestral comum e o P⁶⁶ se encontram até mesmo mais para trás na corrente de transmissão numa cópia a qual exhibe “Betsaida” em João 5:2 (P⁶⁶ tem uma variação ortográfica disso). No mesmo capítulo (5:44), a palavra *Deus* é omitida apenas por P⁶⁶, P⁷⁵, B e Codex W entre todos os manuscritos Gregos até hoje conhecidos. A omissão é rejeitada por ambos, texto Nestle e o texto das Sociedades Bíblicas Unidas – se eles o fazem corretamente – nós podemos suspeitar isso ainda como outra leitura errada do ancestral comum. Uma vez que reconhecemos que tais variantes são erros compartilhados, não podemos insistir que temos genuinamente testemunhas independentes em outros lugares onde esses três manuscritos por acaso concordem.

¹⁴ Para Metzger, a origem do Texto Majoritário tem sido atribuída a Luciano de Antioquia (d. 312). Ele declara, “Como tem sido indicado em páginas anteriores, sua [a de Luciano] revisão do Novo Testamento foi adotada em Constantinopla e de lá se espalhou largamente pelas terras de fala Grega.” Bruce M. Metzger, “The Lucianic Recension of The Greek Bible,” *Chapters in The History of The New Testament Textual Criticism*, p. 27.

Eles são, sem dúvida, concordes que, o seu testemunho [NT: do Texto Majoritário] do texto original é muito inferior do que as outras e velhas testemunhas Gregas, mas esta inferioridade não é mais traçada por todos os críticos com confiança para uma revisão do texto específica e definitiva. Um crítico textual americano de ponta, Ernest C. Colwell, afirmou, por exemplo, , “A *Vulgata Grega* [i.e., o Texto Majoritário] ... *não teve nas suas origens, nenhum foco singular como teve a [Vulgata] Latina, em Jerônimo*” (itálicos no original).¹⁵ Para o ponto de vista de Colwell, o Texto Majoritário – bem como outras maiores formas do texto Grego – são resultado de um “processo” ao invés de um evento singular na história textual. ¹⁶ Outro erudito, Jacob Geerlings, quem tem feito um extensivo trabalho sobre certos ramos de “família” do Texto Majoritário, declarou diretamente acerca desse texto que, “Sua origem bem como aquelas dos chamados tipos-de-texto provavelmente voltam atrás aos autógrafos. É agora claro, que a Igreja Oriental nunca oficialmente adotou ou reconheceu um texto recebido ou autorizado, e apenas por um longo processo de lenta evolução, é que o texto Grego do Novo Testamento passou por várias mudanças que podemos fracamente ver nos poucos códices unciais existentes identificados com o texto Bizantino [i.e., Majoritário].”¹⁷ Portanto, a visão popularizada por Westcott e Hort antes da virada do século, que o Texto Majoritário foi editado de uma revisão eclesiástica e autoritária do Texto Grego, está largamente abandonada como não mais defensável. Ainda assim, foi essa visão do Texto Majoritário que foi, principalmente, a responsável por relegá-lo a um status secundário nos olhos dos críticos textuais de um modo geral. Dean Burgon, o grande proponente do

¹⁵ Ernest Colwell, “The Origin of Text types of New Testament Manuscripts,” *Early Christian Origins; Studies in Honor of Harold R. Willoughby*, p 137.

¹⁶ *Ibid.*, pp 136-37

¹⁷ Jacob Geerlings, *Family E and Its Allies in Mark*, Vol. XXXI de *Studies and Documents*, p. 1. Será visto como as declarações de Geerlings contradizem as de Metzger citadas acima (nota 14). Uma declaração mais recente por Metzger, entretanto, nem menciona Luciano e parece representar uma visão de “processo” do Texto Majoritário Cf. Bruce M. Metzger, “Bibliographic Aids for the Study of the Manuscripts of the New Testament,” *Anglican Theological Review*, XLVIII, pp. 348-49.

Texto Majoritário e que foi contemporâneo de Westcott e Hort, zombou da teorias deles, a da revisão oficial. Todavia, seus protestos foram de um modo geral, abafados e ignorados. Hoje, eruditos como Geerlings e Colwell concordam que tal revisão não ocorreu.

Será destacado nessa discussão que, no lugar da idéia antiga de uma específica revisão como um ponto de partida para o Texto Majoritário, alguns críticos agora querem colocar a idéia de um “processo” que se estabeleceu por um longo período de tempo. Pode ser previsto com toda certeza, entretanto, que esta explicação do Texto Majoritário deverá, eventualmente, entrar em colapso. O Texto Majoritário, deve ser lembrado, é relativamente uniforme no seu caráter geral, apresentando comparativamente, pouca quantidade de variação entre seus maiores representantes.¹⁸ Ninguém tem ainda explicado, como um longo e lento processo, se espalhou por tantos séculos, bem como através duma extensa área geográfica, envolvendo uma multidão de copistas, os quais, freqüentemente, não sabiam nada do estado do texto fora de seus monastérios ou “scriptoria” (NT: locais designados para copiar manuscritos, escritórios), como poderiam alcançar esta largamente difundida uniformidade, baseada na diversidade apresentada nas...

¹⁸ As palavras chaves aqui são “relativamente” e “comparativamente”. Naturalmente, membros individuais do Texto Majoritário mostram quantidades variáveis de conformidade a ele. Não obstante, a proximidade de seus representantes ao padrão geral, não é difícil de demonstrar na maioria dos casos. Por exemplo, num estudo de cem lugares de variação em João 1:1, os representantes do texto Majoritário usados no estudo mostraram uma taxa de concordância entre cerca de setenta por cento a noventa e três por cento. Cf. Ernest C. Colwell e Ernest W. Tune, “The Quantitative Relationships between MS Text-types,” *Biblical and Patristic Studies in Memory of Robert Pierce Casey*, eds. J. Nashville Birdsall and Robert W. Thompson pp. 28, 31. O manuscrito uncial, Codex Ômega, que concorda com o Textus Receptus em noventa e três por cento, compara bem com novena e dois por cento de concordância entre p P⁷⁵ e B. A afinidade de Ômega como TR é mais aproximadamente típica do padrão que alguém acharia na grande massa de textos minúsculos. Altos níveis de concordância desse tipo são (como nos casos de P⁷⁵ e B) o resultado de um ancestral básico que foi compartilhado. São as divergências é que foram resultado de um “processo” e não o contrário.

Uma declaração mais geral e resumida da matéria é feita por Epp, “...os manuscritos Bizantinos juntos formam, afinal de contas, um grupo do tipo malha bem entrelaçada, e as variações em questão, dentro desse grupo inteiro e grande, são relativamente menores em caráter.” Eldon Jay Epp, *The Claremont Profile-Method for Grouping New Testament Minuscule Manuscripts*,” *Studies in The History and Text of the New Testament in Honor of Kenneth Willis Clark, Ph.D.*, eds Boyd L. Daniels and M. Jack Suggs, Vol. XXIX of *Studies and Documents*, p. 33.

formas de texto antigas. Até mesmo uma edição oficial do Novo Testamento – promovida por uma sanção eclesiástica através do mundo conhecido – teria tido grande dificuldade em atingir esse resultado como a história da Vulgata de Jerônimo amplamente demonstra.¹⁹ Todavia, um processo sem supervisão alcançando relativa estabilidade e uniformidade nas diversificadas circunstâncias textuais, históricas e culturais, nas quais o Novo Testamento foi copiado, impõe uma carga impossível sobre nossa imaginação.

Aqui repousa a maior fraqueza do criticismo textual contemporâneo. Ao negar ao Texto Majoritário toda argumentação de representar a forma real do texto original, é ao mesmo tempo, incapaz de explicar seu surgimento, sua comparativa uniformidade e sua dominância de uma maneira satisfatória. Todos esses fatores podem ser contabilizados racionalmente, entretanto, se o Texto Majoritário for reputado como o que representa, simplesmente, a contínua transmissão do texto original desde o exato princípio. Todas as formas do texto minoritário são, nesta visão, simplesmente “tiros fora do alvo”, divergentes da corrente larga cuja fonte são os próprios autógrafos. Porém, esta simples explicação da história textual é rejeitada pelos eruditos contemporâneos pelas seguintes razões.

III. As Leituras do Texto Majoritário São Repetidamente Inferiores Àquelas dos Manuscritos Mais Velhos

Talvez a maior surpresa para muitos cristãos “crentes-na-Bíblia” será a descoberta que muitos críticos textuais procuram defender suas preferências pelos manuscritos mais antigos, pelo fato de afirmarem que eles são melhores porque de fato contêm melhores leituras. O Texto Majoritário, eles insistem, repetidamente nos oferece variações com pouca ou nenhuma exigência de...

¹⁹ Depois de descrever as vicissitudes as quais afligiram a transmissão da Vulgata, Metzger conclui: “Como resultado, mais de 8.000 manuscritos da Vulgata, os quais existem hoje, exibem a maior quantidade de contaminação cruzada de tipos de texto.” *Text of The New Testament*, p. 76. Uniformidade do texto é sempre a maior na fonte diminua – ao invés de aumentar – a medida que a tradição se expande e se multiplica. Esta advertência é ignorada pela visão de processo do Texto Majoritário.

ser original. De modo que, em última análise, um manuscrito é atestado por suas leituras, ao invés do contrário.²⁰ Nas mentes dos eruditos contemporâneos, entretanto, nenhum raciocínio circular está envolvido nisso. Cuidadoso estudo do contexto da passagem, somado a uma boa afinidade com os hábitos dos escribas e com os fenômenos textuais em geral, permite ao hábil crítico – assim eles afirmam – passar um julgamento válido em leituras competidoras e em muitos casos alcançar conclusões que possam ser reputadas como quase certas. Portanto, segue-se disso que confiança nos textos críticos Gregos modernos depende em última análise, na confiança de alguém no julgamento erudito contemporâneo.

Deve ser claro, entretanto, que quando todo o problema do criticismo textual é reduzido a séries de argumentos acerca dos méritos relativos dessas leituras contra aquelas outras, nós atingimos uma área onde a opinião pessoal – e até tendências pessoais – podem facilmente determinar a posição de cada um. Isto tem sido recentemente admitido por um crítico textual de ponta quem, ele próprio tinha no passado esposado essa leitura pela metodologia da leitura. E.C. Colwell tem confessado ao falar sobre os dois critérios que baseiam os críticos modernos para decidir qual leitura deve escolher (citando precisamente ‘escolha a leitura a qual se encaixa no contexto e ‘escolha a leitura a qual explica a origem da outra leitura’), ele disse “De fato esses dois padrões de critérios para a avaliação da evidência interna das leituras pode ser facilmente anulada pela outra e deixar o erudito livre para escolher em termos de seus próprios preconceitos.”²¹

²⁰ Então, por exemplo, J. Neville Birdsall declara:

²¹ E.C. Colwell, “External Evidence and New Testament Textual Criticism,” *Studies in The History and Text of the New Testament in Honor of Kenneth Willis Clark, Ph.D.*, eds. Boyd L. Daniels and M. Jack Suggs. Vol. XXIX of *Studies and Documents*, p. 3. Contraste essa declaração com a do mesmo escritor em seu trabalho *What Is the Best New Testament?* pp. 75-77.

Sem dúvida, é Colwell quem tem mais efetivamente apontado que as generalizações que os erudito têm feito por tanto tempo sobre hábitos dos escribas, são baseadas sobre induções bastante inadequadas das evidências. Ele clama para uma lúcida e compreensiva descrição dessas coisas.²² Porém, se isso é necessário, então é claro que devemos reconsiderar quase todos os julgamentos anteriormente passados sobre as leituras individuais sob o argumento das alegadas tendências dos escribas. Ainda mais, bem recentemente, outro proeminente crítico textual apresentou argumentos que revertem o antigo e existente julgamentos de críticos textuais contra o apreciável número de leituras achadas no Texto Majoritário. G. D. Kilpatrick tem argumentado que os manuscritos mais antigos freqüentemente revelam vários tipos de mudanças no texto, ambas acidentais e deliberadas, em lugares onde o Texto Majoritário preserva a leitura original.²³ O que é importante notar sobre o trabalho de Kilpatrick, é que é realmente possível para um erudito que adota o método de leitura-por-leitura, (em contraste da autoridade de “uso do manuscrito”) achar razões para as antigas e controversas opiniões sobre passagens específicas.²⁴ Em resumo, o conhecimento possuído por modernos críticos textuais sobre os escribas e manuscritos, é tão ambíguo, que pode, sem dificuldade, ser usado para chegar a quase que qualquer conclusão.

É claro, pode ser sugerido que o text pode ser determinado simplesmente por estudo cuidadoso dos estilos dos escritores Bíblicos, argumentação e teologia. Logicamente, tal método não teria necessidade de uma reconstrução da história da transmissão do texto. Mas, poucos se algum, crítico contemporâneo abraçaria tão extrema visão como

²² *Ibid.*, pp. 9-11.

²³ G. D. Kilpatrick, “The Greek New Testament of Today and the *Textus Receptus*.” *The New Testament in Historical and Contemporary Perspective: Essays in Memory of G. H. C. Macgregor*, eds Hugh Anderson and William Barclay, pp. 189-206.

²⁴ Para qualquer pessoa versada nos manuais padrão de criticismo textual, vem como um choque, por exemplo, descobrir Kilpatrick defendendo, as assim chamadas, leituras de “conflação” como originais! pp. 190-93.

essa.²⁵ Seu resultado poderia apenas ser que, a Bíblia diria ao erudito, exatamente o que o treinamento e perspectiva dele o preparou para pensar e receber o que ela diz.

Este presente escritor gostaria de sugerir que, o impasse ao qual fomos impelidos, quando as discussões do criticismo moderno são cuidadosamente pesadas e peneiradas, é devido, quase que totalmente, à recusa de se aceitar o óbvio. A tradição dos manuscritos de um livro antigo irá, sob qualquer condição, a não ser em casos excepcionais, se multiplicar em uma razoável maneira regular, resultando no seguinte: as cópias mais próximas aos autógrafos, são as que normalmente têm o maior número de descendentes.²⁶ Quanto mais afastado da história da transmissão, um texto se encontra de sua fonte, menos tempo ele tem atrás de si, para deixar uma família de descendentes. Portanto, numa larga tradição, onde uma unidade pronunciada é observada entre, digamos, oito por cento da evidência, uma forte presunção é levantada que é: a preponderância numérica é devido à direta derivação das fontes mais antigas. Na ausência de uma explicação contrária convincente, essa presunção é elevada a um alto grau de probabilidade, sem dúvida alguma. Portanto o Texto Majoritário sobre o qual a Versão King James está baseada, tem em realidade, o argumento mais forte possível de ser reputado como uma autêntica representação do texto original. Esse direito, é bem independente de qualquer consenso mutante de julgamento erudito sobre leituras e é baseado na realidade objetiva de seu domínio na história da transmissão do Texto do Novo Testamento. Esse domínio não tem – e nos aventuramos a sugerir – que não pode ser explicado de outra maneira.

²⁵ Cf. a declaração de Harold Oliver, “Em anos recentes, a necessidade de reconstruir a história do texto tem se tornado aparente.” Harold H. Oliver, “Implications of *Redaktionsgeschichte* for the Textual Criticism of the New Testament,” *Journal of the American Academy of Religion*, XXXVI (March, 1968), p. 44.

²⁶ Este truismo foi há muito reconhecido (algo com muita má vontade) por Hort, “Uma eorética presunção dem dúvida continua que o texto majoritário de documentos existentes é mais provável de representar a maioria dos documentos ancestrais em cada estágio da transmissão do que *vice versa*.” B. F. A. Hort, *The New Testament in the Original Greek*, II, p. 45.

Se espera, portanto, que o leitor cristão em geral, exerça sua mais extrema desconfiança em aceitar correções à sua Versão Autorizada, correções que não possuem lastro algum nos numerosos manuscritos majoritários. Ele deve prosseguir em usar a sua Versão King James com confiança. O criticismo textual do Novo Testamento, no mínimo, não avançou em nada racionalmente verificável, ao ponto de convencê-lo do contrário.

O Incomparável Wilson **O Homem que Dominava Quarenta e Cinco Línguas e Dialeto**

Henry W. Coray

Foi privilégio do compilador deste livro, no Seminário Teológico de Princeton, ser um dos estudantes deste grande homem que se levantou como um gigante de “três metros de altura” entre os eruditos dos seus dias ou de qualquer dia. Leitores que possam questionar tais declarações como sendo exageradas, deveriam reservar seus julgamentos até que tenham terminado de aprender sobre esse gênio entre os gênios, o qual gastou anos em pesquisa em 10 mil documentos de muitas línguas para provar que o Dr. Driver da Universidade de Oxford, estava errado na sua tentativa de mostrar que o livro de Daniel não era confiável.

O professor Robert Dick Wilson, M.A., Ph.D. em Princeton, que morreu em 1930, foi um tenaz defensor da doutrina da inspiração verbal das Sagradas Escrituras e alegou, com justiça, ser um “expert” em todas as questões que envolvem tal crença. Através de longos anos de estudos contínuos ele dominou todas as línguas antigas e dialetos necessários para ler os manuscritos da Bíblia. Com o objetivo de dominar a língua Babilônica, não ensinada em nenhuma Universidade americana, ele teve que viajar para a Alemanha para estudar na Universidade de Heidelberg. À língua Babilônica, ele adicionou o Etíope, Fenício, vários dialetos Aramaicos e assim por diante, até chegar ao ponto de dominar 45 línguas e dialetos antigos. No seu ...

livro “É a Alta Crítica Erudita?” ele escreve, “Eu tenho visto o dia quando eu preparo alguma pesquisa Bíblica com temor e tremor – imaginando o que deveria encontrar – mas agora todo aquele temor tem passado.” (veja nota adicional, pág. 48).

Robert Dick Wilson (1856 – 1930)

A seguinte biografia foi escrita pelo Reverendo Henry W. Coray, autor das biografias em *Valentes pela verdade*. Ele é pastor da Igreja Presbiteriana Ortodoxa, Glenside, Pensylvania e é graduado em Westminster Theological Seminary.

Tem sido dito que “grandes obras exigem homens de grande preparação.” Um exemplo notável poderia ser Moisés que investiu dois terços da sua carreira de cento e vinte anos, “aquecendo” os músculos da sua mente e alma para o terceiro final e árduo segmento. Um exemplo moderno poderia ser Dick Wilson.

Wilson obteve seus trabalhos de graduação na Universidade de Princeton e se graduou em 1876. Ele prosseguiu para obter o seu M.A. e um Ph.D., então adicionou mais dois anos na Universidade de Berlim em posteriores estudos de pós-graduação. Ele ensinou Velho Testamento em cursos no Western Theological Seminary em Pittsburg e retornou para Princeton, onde ganhou fama internacional como erudito e defensor da fé cristã histórica.

Quando o liberalismo tomou conta do Seminário de Princeton em 1929, ele, com J. Gresham Machen, Oswald Allis, Cornelius Van Til e outros, se retiraram para estabelecer o Seminário Westminster na Filadélfia.

O Dr. Wilson era tão completamente versado nas línguas Semitas, que ele estava em casa em mais de quarenta delas, por mais incrível que isso possa parecer. Seu livro *Investigação Científica do Velho Testamento*, é considerado um clássico no importante ramo da teologia. Um dos seus panfletos *É Erudita a Alta Crítica?* feriu com um sopro devastador, a posição dos destrutivos críticos Bíblicos, e tem sido publicado em nove línguas diferentes. Sua maior contribuição...

para a erudição cristã é no livro de Daniel. Dois volumes contêm uma compilação de uma dúzia de tratados daquela profecia, ajuntada de antigos artigos impressos em jornais e trabalhos. Eles representam a erudição no mais alto nível.

“São homens tais como Wilson”, diz Dr. Edward Young, “homens que não temeram o trabalho duro, que não evitaram problemas difíceis – que têm se apresentado para se juntar à batalha contra o inimigo – que Deus tem usado para construir Sua igreja.”

Robert Dick Wilson tomou uma atitude contra os assaltos dos críticos destrutivos e que pode ser resumida com suas próprias palavras:

“Eu tenho feito um invariável hábito, o de nunca aceitar uma objeção a uma declaração do Velho Testamento sem submetê-la à mais completa investigação lingüística e factual... Se um homem crê na probabilidade ou certeza de elementos miraculosos onde Deus está trabalhando, mas se abstém da fé nas declarações da Bíblia de ser Revelação Divina por causa de alegadas evidências históricas, científicas ou filológicas, eu considero meu dever, fazer o melhor que puder para mostrar que essa alegada evidência é irrelevante, inconclusa e falsa.”

Um dos comoventes momentos na experiência de seus alunos ocorreu quando, depois de uma dissertação sobre a completa confiabilidade das Escrituras, o renimado erudito disse com lágrimas: “Jovens, há muitos mistérios nesta vida, os quais não pretendo entender e muitas coisas difíceis de explicar. Mas eu posso dizer-lhes nesta manhã com total certeza que,

‘Jesus me ama, isto eu sei
Pois a Bíblia assim o diz’

Deixe o Dr. Wilson falar por si próprio. A seguir vêm seleções de uma fala pelo Prof. Wilson sobre *O Que é um Expert?*¹

“Se um homem é chamado de expert, a primeira coisa a ser feita é estabelecer o fato que ele é tal. Um expert pode valer mais do que um milhão de outras testemunhas que não são ...

¹ Bible League Quaterly, 1955

experts. Antes que um homem tenha o direito de falar sobre a história, a linguagem e sobre a paleografia do Velho Testamento, a igreja cristã tem o direito de exigir que tal homem estabeleça sua habilidade em fazê-lo.

“Por quarenta e cinco anos, continuamente, desde que eu deixei a universidade, eu tenho devotado a mim mesmo ao grande estudo do Velho Testamento, em todas as suas línguas, em toda a sua arqueologia, em todas as suas traduções e, tanto quanto possível, em tudo quanto pese sobre seu texto e história. Eu digo isso para que você possa ver porque eu posso falar com um expert. *Eu posso adicionar que o resultado dos meus quarenta e cinco anos de estudos da Bíblia têm me levado todo o tempo a uma fé mais firme ainda que, no Velho Testamento, temos um verdadeiro registro histórico da História do povo Israelita;* e tenho o direito de recomendar isso para alguns daqueles homens e mulheres brilhantes que pensam que eles podem rir dos Cristãos à moda antiga e crentes na Palavra de Deus.

“Você terá observado que os críticos da Bíblia que vão a ela a fim de nela achar faltas, têm todos um modo singular de clamar para eles mesmos todo o conhecimento e toda a virtude e todo amor pela verdade. Uma frase favorita deles é: ‘Todos os estudiosos concordam.’ Quando um homem escreve um livro e procura ganhar um ponto ao dizer ‘Todos os estudiosos concordam.’ eu gostaria de saber quem são esses estudiosos e porque eles concordam. Onde eles conseguiram essa confiança, para início de conversa?

“Eu me lembro que há alguns anos atrás, eu estava investigando a palavra ‘Baca,’ a qual você têm na Bíblia em inglês [NT: em português, será usada aqui, sempre, a única tradução equivalente: Almeida Corrigida e Fiel, Trinitariana] – passando pelo vale de Baca, fez dele uma fonte;’ Eu encontrei no dicionário hebraico que havia um viajante cujo nome era Burkhart, o qual disse que Baca significava árvores amoreiras. Aquilo não foi muito esclarecedor. Eu não podia ver como árvores amoreiras tinham algo a ver com água. Eu procurei todas as autoridades de eruditos na Alemanha e Inglaterra, desde os tempos de Burkhart, e descobri que todos tinha citado Burkhart. Apenas um erudito por trás disso. Quando eu estava viajando ao oriente, eu encontrei deliciosas águas aqui e acolá. A água brotava aparentemente do terreno no meio do deserto. Eu perguntei a meu irmão, que era missionário, de onde vinha essa água. Ele disse, “Eles trazem essa água das montanhas. É...”

um aqueduto subterrâneo. Eles o cobrem para prevenir a evaporação.’ Agora, o nome daquele aqueduto era *Baca*.

“O meu ponto é que, você tem que ser capaz de traçar essa concordância entre os eruditos, até ao erudito original que propôs a declaração, e então encontrar se o que os erudito falou é verdade. Qual foi o fundamento de sua declaração?”

“Eu tenho reivindicado ser um expert. Tenho eu o direito de fazê-lo? Bem, quando eu estava no Seminário, eu costumava ler o meu Novo Testamento em nove línguas diferentes. Eu aprendi meu hebraico de cor, de modo que podia recitá-lo sem perder uma sílaba; e o mesmo com Davi, Isaías e outras partes das Escrituras. Tão logo eu me graduei do Seminário, eu me tornei professor de hebraico por um ano e então, fui para a Alemanha. Quando eu fui para Heidelberg, eu fiz uma decisão. Eu decidi – e o fiz com oração – de consagrar minha vida ao estudo do Velho Testamento. Eu estava com vinte e cinco anos então; e julguei pela vida dos meus ancestrais, que eu viveria até estar com setenta.; então eu teria quarenta e cinco anos para trabalhar. Eu dividi o período em três partes. Os primeiros quinze anos, eu devotaria ao estudo das línguas necessárias. Para o segundo período de quinze anos, eu estaria devotando a mim mesmo ao estudo do texto do Velho Testamento; e reservaria os últimos quinze anos para o trabalho de escrever os resultados dos meus estudos anteriores e investigações, de modo a dá-los ao mundo. O Senhor portanto me tem capacitado a cumprir aquele plano quase que dentro de um ano de acordo com o planejado.

“A maior parte de nossos estudantes se acostumara a ir à Alemanha., e eles ouviram professores proferir palestras que eram resultado de seus labores. Os estudantes absorveram tudo só porque o professor o disse. Eu fui lá para estudar, de modo que não haveria nenhum professor no mundo que pudesse por a lei para mim, ou dizer algo sem que eu fôsse capaz de investigar a evidência sobre a qual ele tinha dito algo.

“Agora, eu considero que aquilo que foi necessário, a fim de investigar o que a evidência era, em primeiro lugar, conhecer a língua na qual a evidência é dada. Então, eu fui para Berlim, e devotei a mim mesmo quase que inteiramente ao estudo das...

línguas que têm peso sobre a Bíblia; e me auto determinei que eu aprenderia todas as línguas que lançariam luz sobre o hebraico, todas as línguas cognatas, e também todas as línguas nas quais a Bíblia tem sido traduzidas até o ano 700 A.D., de modo que eu pudesse investigar o texto por mim mesmo.

Tendo feito isso, eu reivindico ser um expert. Eu desafio qualquer homem a fazer um ataque sobre o Velho Testamento baseado em evidências que eu não possa investigar. Eu posso chegar aos fatos, se eles são lingüísticos. Se você sabe alguma língua que eu não sei, eu vou aprendê-la. Agora, vou mostrar-lhes alguns dos resultados.

“Depois de ter aprendido as línguas necessárias, eu estabeleci a investigação em cada consoante no Hebraico do Velho Testamento. Há cerca de um milhão e um quarto delas; e isso me tomou anos para alcançar minha tarefa. Eu tinha que ler o Velho Testamento completamente e olhar para cada consoante nele; eu tinha que também olhar para as variações do texto, ao ponto em que essas variações pudessem ser nos manuscritos, ou nas notas dos Massoretas (os Massoretas eram um corpo de eruditos Judeus, os quais faziam de suas vidas, a tarefa da transmissão do que eles acreditavam ser o texto verdadeiro do Velho Testamento) ou em várias versões, ou nas passagens paralelas, ou nas emendas conjecturais dos críticos e então, eu tinha que classificar os resultados. Eu estimo essa forma de pesquisa textual em alto grau; pois *o meu plano tem sido o de reduzir o criticismo do Velho Testamento a uma ciência absolutamente objetiva; algo baseado em evidência e não em opinião.* Eu raramente faço uma declaração à qual repousa meramente sobre minha própria crença subjetiva.

“A fim de ser um expert textual desse tipo, é necessário ser um mestre de paleografia (a ciência que lida com escritos antigos) e de filologia; para que se tenha um conhecimento exato de uma dúzia de línguas no mínimo, de modo que cada palavra possa ser totalmente destrinchada. Averiguar o verdadeiro texto do Velho Testamento é fundamental para tudo concernente a história Bíblica e doutrina Bíblica.

“O resultado daqueles trinta anos de estudo ao qual me dediquei ao texto foi esse: Eu posso afirmar que não há uma só página do Velho Testamento da qual precisamos ter qualquer dúvida. Nós podemos estar absolutamente certos que,

substancialmente, nós temos o texto do Velho Testamento que Cristo e os apóstolos tinham, e que era existente desde o princípio.

“Eu gostaria de dar alguns outros exemplos do verdadeiro criticismo Bíblico. Eu posso me lembrar quando era pensado que era muito sem proveito, ler as longas genealogias encontradas nos primeiros capítulos de Primeira Crônicas – nove capítulos de nomes próprios. Hoje, todavia, no criticismo científico do Velho Testamento, nomes próprios são da mais profunda importância. A maneira pela qual eles estão escritos – sem dúvida, tudo o que está conectado a eles – tem sido uma das exatas fundações sobre a qual o criticismo científico do Velho Testamento está construído.

“Considere o seguinte caso. Há vinte e nove reis antigos cujos nomes são mencionados, não apenas na Bíblia, mas também em monumentos de suas próprias épocas; muitos dos quais sob sua própria supervisão. Há cento e noventa e cinco consoantes nesses vinte e nove nomes próprios. Além disso, nós encontramos que, nos documentos do Hebraico do Velho Testamento, há a penas dois ou três, de todos os cento e noventa e cinco, acerca dos quais pode existir algum questionamento sobre eles terem sido escritos exatamente da mesma maneira que foram escritos em seus próprios monumentos. Alguns deles voltam atrás há dois mil anos, alguns quatro mil; e são escritos de tal maneira que cada letra é clara e correta. Isto é com certeza uma maravilha.

“Compare essa precisão com a de outros escritos. Eu tenho sido acusado por não me referir, mais freqüentemente, aos escritos clássicos no meu livro sobre Daniel. Aqui está a razão – tome a lista feita pelo grande erudito de sua época, o bibliotecário de Alexandria em 200 A.C. Ele compilou um catálogo dos reis do Egito, trinta e oito ao todo; do número inteiro, apenas três ou quatro deles são reconhecíveis. Ele também fez uma lista dos reis da Assíria; em apenas um caso podemos dizer quem se quer dizer; e que um não é soletrado corretamente. Ou tome Ptolomeu, o qual descreveu um registro de dezoito dos reis da Babilônia. Nenhum deles é propriamente grafado; você não pode descobrir de modo algum se não soubesse de outras fontes, sobre o quê ele está se referindo. Se alguém fala contra a Bíblia, pergunte-o sobre os reis

mencionados nela. Há vinte e nove reis do Egito, Israel, Moabe, Damasco, Tiro, Babilônia, Assíria e Pérsia, referidos, e dez países diferentes entre esses vinte e nove; todos eles estão incluídos nos relatos da Bíblia e naqueles monumentos. A cada um deles é dado nome correto na Bíblia, seu país correto, e está colocado corretamente na ordem cronológica. Pense o que isso significa!

“Aqui está outro caso no qual os trabalhos de um expert são necessários. Há uma contenda dos críticos que, a presença de palavras Aramaicas (Aramaico era a língua da Mesopotâmia e terras adjacentes) nos livros do Velho Testamento, é uma dica da sua idade. Eu cheguei à conclusão que os críticos disseram muito mais acerca dos “Aramaismos”, do que poderiam substanciar. Então, eu peguei um dicionário de Hebraico e fui da primeira à última palavra e juntei os resultados. Eu compilei uma lista de todas as palavras relevantes e as comparei com aquelas da língua Babilônica.

“Por levar a investigação dessa maneira científica, eu cheguei ao resultado que, de fato, há muito pouca argumentação baseada na presença de “Aramaismos” no Velho Testamento. Há apenas cinco ou seis dessas palavras na totalidade dos livros que poderia, ainda assim, ser considerada duvidosa. A verdade é que há um século atrás, não se sabia Babilônico; e quando as pessoas achavam uma forma de um substantivo ou um verbo do Velho Testamento, que não se encaixava com o Hebraico, eles diziam que era Aramaico, e que o livro que o continha era de uma data mais tardia que alegava ser. Todavia, desde então, Deus nos concedeu o conhecimento da língua Babilônica, com esse resultado. Certos nomes aramaicos terminam em OOTH (rimando no inglês com “booth”) e se pensava que isso era peculiar àquela língua. Porém agora, nós sabemos que isso também é encontrado em ambas as línguas, Hebraica e Babilônica. Os registros Babilônicos nos recua antes dos dias de Abraão; e de lá para cá, até que o reino Babilônico tivesse chegado ao fim, nós encontramos essa terminação dos substantivos recorrendo. Portanto a fundação do velho argumento caiu em pedaços.

(Outros capítulos do livro)

É Erudita a Alta Crítica?

Fatos claramente atestados mostrando que os destrutivos “resultados confirmados da erudição moderna” são indefensáveis

Robert Dick Wilson

- - -

O Magnífico Burgon

Edward F. Hills

- - -

**O PRINCÍPIO
E TENDÊNCIA DA REVISÃO EXAMINADA**

George Sayles Bishop

- - -

A BÍBLIA E O CRITICISMO MODERNO

Sir Robert Anderson

**NA DEFESA DO TEXTUS RECEPTUS -
A BASE DA VERSÃO KING JAMES**

Seleções por David Otis Fuller

CODEX VATICANUS E SEUS ALIADOS

Herman C. Hoskier

Introdução por David Otis Fuller

EXAME CRÍTICO DA TEORIA TEXTUAL DE WESTCOTT- HORT

Alfred Martin